

A watercolor painting of a landscape. The background is a mix of light and dark brown washes, suggesting a hazy or misty atmosphere. In the lower right, there is a dark, vertical line representing a tree trunk, with several curved, dark lines extending from it, possibly representing branches or leaves. In the upper right, there is a small, bright yellow circle, likely representing the sun or a moon. The overall style is soft and painterly.

EDUARDO HARGREAVES

EDUARDO HARGREAVES

www.eduardohargreaves.com

+55 31 9 8881 – 9301

INFO

FORMAÇÃO

Bacharel em Artes Visuais com Habilitação em Desenho

pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (2017).

RESUMO

Natural de Juiz de Fora, Eduardo Hargreaves é bacharel em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da UFMG (2017). Realizou diversas exposições coletivas entre 2014 e 2018.

Participou da residência Ocupa_Espai (2018), ao lado do artista José Lara, com orientação e curadoria de Nydia Negromonte e Marcelo Drummond.

Realizou sua primeira exposição individual, *Paisagens Rotas* (2018), no Centro Cultural da UFSJ.

É convidado para a exposição coletiva do Festival Artes Vertentes, *Longitudes e latitudes da memória* (2018), ao lado de grandes artistas brasileiros como Nuno Ramos, Hilal Sami Hilal, Nícia Braga e Caetano Dias.

Premiado pelo programa Mostras BDMG 2018-2019, realizou sua segunda exposição individual, *Cartas para um lugar*, na Galeria de Arte BDMG Cultural.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

2018 – Paisagens Rotas

São João Del-Rei, MG. Centro Cultural da UFSJ.

2018 – Cartas para um lugar

Belo Horizonte, MG. Galeria de Arte BDMG Cultural. Programa Mostras BDMG.

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

2014 – Deriva 9: De Nós ou De Naus

Belo Horizonte, MG. Centro Cultural da UFMG. Curadoria: Marcos Hill.

2017 – Desenvolvimento

Belo Horizonte, MG. Galeria da Biblioteca Central da UFMG. Curadoria: Fabrício Fernandino.

2017-2018 – As horas que não dormimos

Belo Horizonte, MG. Centro Cultural da UFMG. Coletiva dos Trabalhos de Conclusão de Curso dos alunos de Artes Visuais da EBA/UFMG.

2018 – Inversos de Antípodas

Belo Horizonte, MG. Galpão Ilha Major.

2018 – Longitudes e latitudes da memória

Tiradentes, MG. Centro Cultural Yves Alves e Museu Padre Toledo no Festival Artes Vertentes. Curadoria: Luiz Gustavo Carvalho

2018 – 30 anos de arte no BDMG Cultural

Belo Horizonte, MG. Galeria de Arte BDMG Cultural. Curadoria: Márcio Sampaio. Expografia: Marconi Drummond.

RESIDÊNCIAS

2018 – Residência OCUPA_ESPAI

Residência ao lado do artista José Lara, com orientação e curadoria dos artistas Nydia Negromonte e Marcelo Drummond.

REALIZAÇÕES

2015 – Exposição retrospectiva “Zé do Poço”

Curador da exposição individual retrospectiva do artista Zé do Poço, realizada no Teatro Espanca, Belo Horizonte, MG.



RETINOBLASTOMA



RETINOBLASTOMA

1. RETINOBLASTOMA é uma experiência sensorial-fotográfica que não tem como objetivo a produção de imagens em suporte físico ou em memória digital que possam ser compartilhadas ou acessadas posteriormente.
2. Um espaço ocioso interno/fechado deve ser vedado de forma que não haja incidência de luz externa.
3. Cada participante deve ter em mãos uma câmera fotográfica equipada com flash. Seu único modo de enxergar será através do disparo do flash das câmeras, revelando o ambiente em que o participante está inserido.
4. Cada flash proporciona ao participante a percepção de uma fração do espaço que é imediatamente traduzida em memória individual. Isso causa em cada indivíduo uma construção que se relaciona com o efeito causado pela fotografia.
5. A experiência de cada participante é parte fundamental da experiência dos demais.
6. A busca por compreender o espaço acaba por transformá-lo incessantemente.
7. O espaço pode ser ocupado por objetos e instalações.
8. Artistas convidados podem ocupar o espaço com performance.
9. O tratamento sonoro pode se dar através de músicos convidados, com a única diretriz de tocar em alto volume.
10. Todas as fotos tiradas durante a experiência são voluntariamente concedidas aos organizadores depois do evento e apagadas dos dispositivos dos participantes.
11. Todas as fotografias registradas serão recolhidas e apagadas sem jamais serem vistas.



PAISAGENS

ROTAS



Paisagem Rota [nº 5]. 2016.
Carvão, pastel seco, pigmento natural, grafite e óleo de linhaça sobre papel
mata borrão 250g. 66x97cm.

PAISAGENS ROTAS

Paisagens Rotas é uma pesquisa visual em desenho que tem início na exploração de diversos materiais – carvão, pigmentos naturais, pastéis, grafite, óleo de linhaça, cera de abelha e parafina. A utilização desses materiais envolve situações acidentais e casuais decorridas dos processos alternativos de aplicação e fixação destes sobre a superfície de papéis mata borrão. A realização das Paisagens envolve uma grande carga de incerteza e provisoriedade gerada pelas características próprias dos materiais escolhidos e pelos processos utilizados.

O nome sugere a construção de um lugar de caminhos possíveis, assim como um lugar onde se vislumbram espaços rotos, quebrados, desconexos, que indicam a existência de algo que os interligue. Um espaço de memórias partidas, da ausência de sentido, ou de uma estrutura que resta apenas em parte, em cacos, a se decifrar. Da mesma forma, o nome aponta para a possibilidade de se percorrer esses espaços, através de rotas que perpassam esta paisagem fragmentária em uma construção metafórica do próprio pensamento. [...]



[...]

Os desenhos se abrem como vetores para a reflexão sobre o espaço geográfico, histórico e político no qual estamos inseridos. Apontam para a possibilidade de se pensar a construção de um imaginário próprio ao meio, que carrega sua importância tanto na formulação do fazer imagem, no ato de desenhar, quanto no espaço aberto da visão e da elaboração possíveis através do olhar do observador. Penso em como a memória física do terreno soma-se a memória individual e coletiva, através de uma construção que se interliga na dimensão da paisagem natural e na presença da interferência humana sobre o espaço.

Paisagem Rota [nº 6]. 2016.

Carvão, pastel seco, pigmento natural, grafite e óleo de linhaça sobre papel mata borrão 250g. 66x97cm.



Paisagem Rota [nº 7 e 8]. 2016.
Carvão, pastel seco, pigmento natural, grafite e óleo de linhaça sobre papel
mata borrão 250g. 66x97cm.



Paisagem Rota [nº 1 e 2]. 2016.
Carvão, pastel seco, pigmento natural, grafite e óleo de linhaça sobre papel
mata borrão 250g. 66x97cm.



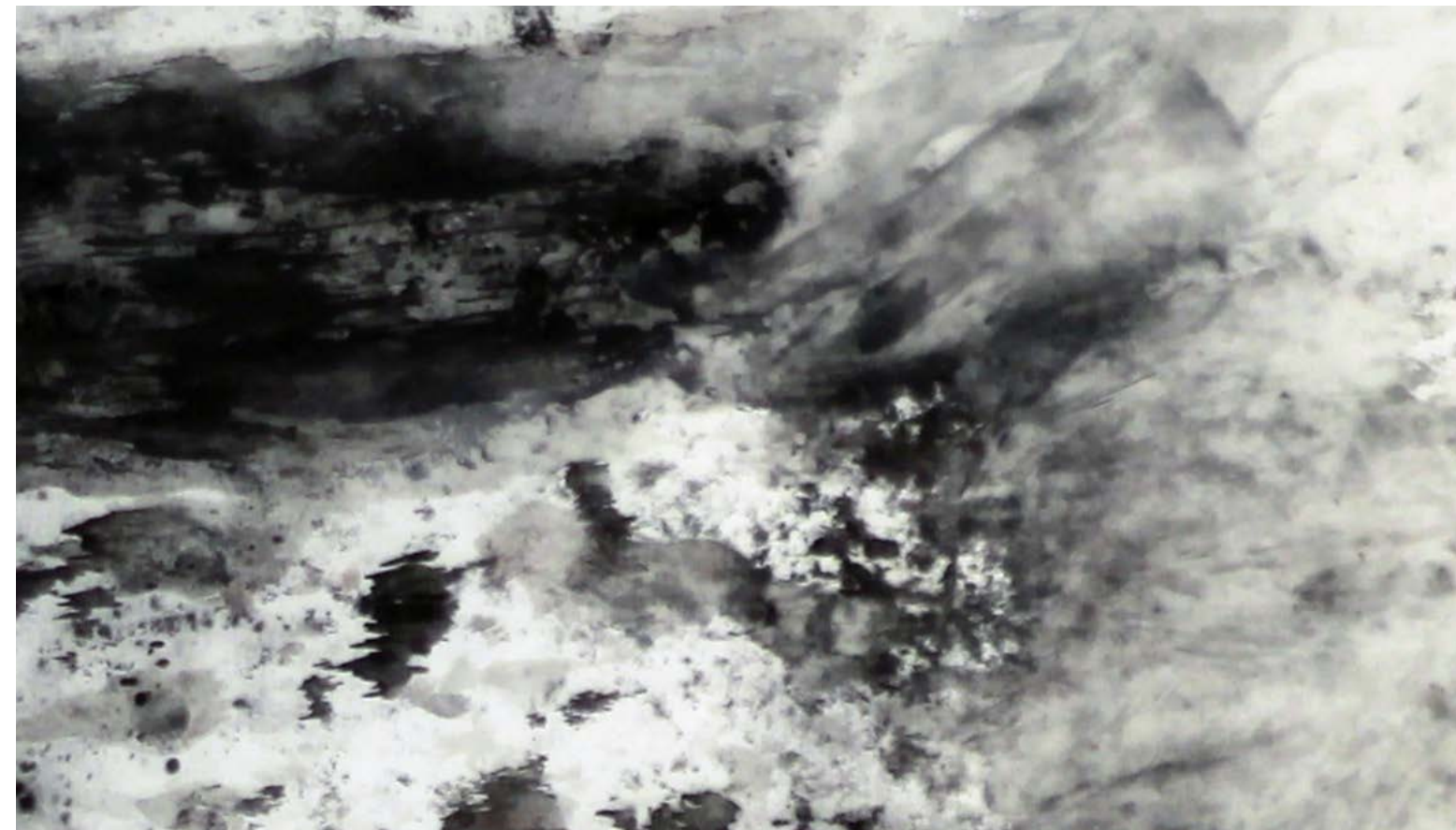
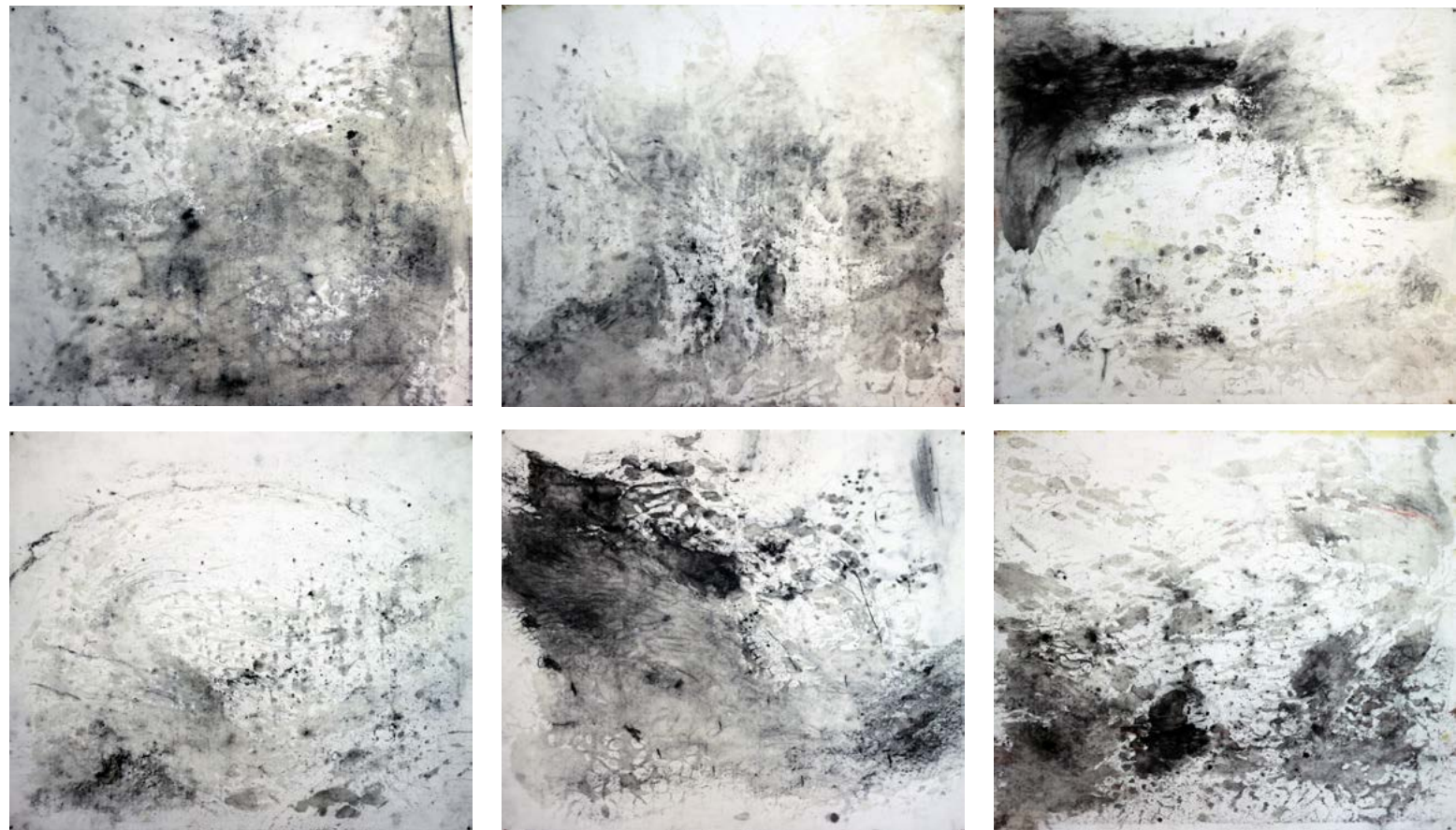
Paisagem Rota [nº 3 e 4]. 2016.
Carvão, pastel seco, pigmento natural, grafite e óleo de linhaça sobre papel
mata borrão 250g. 66x97cm.



S/t [tríptico]. 2017.
Carvão, pastel seco, grafite, óleo de linhaça, cera de abelha e parafina sobre
papel mata borrão 80g. 110x330cm.



PAISAGENS PENSAS



S/t [n° 1-6]. Série Paisagens Pensas. 2017-2018.
Carvão, pigmento natural, grafite, cera de abelha e parafina sobre papel mata
borrão 80g. 80x91cm.

Detalhe.



S/t [n° 1-2]. Série Paisagens Pensas. 2017-2018.
Carvão, pigmento natural, grafite e óleo de linhaça sobre papel de arroz.
100x200cm.

AO CAIR DA NOITE

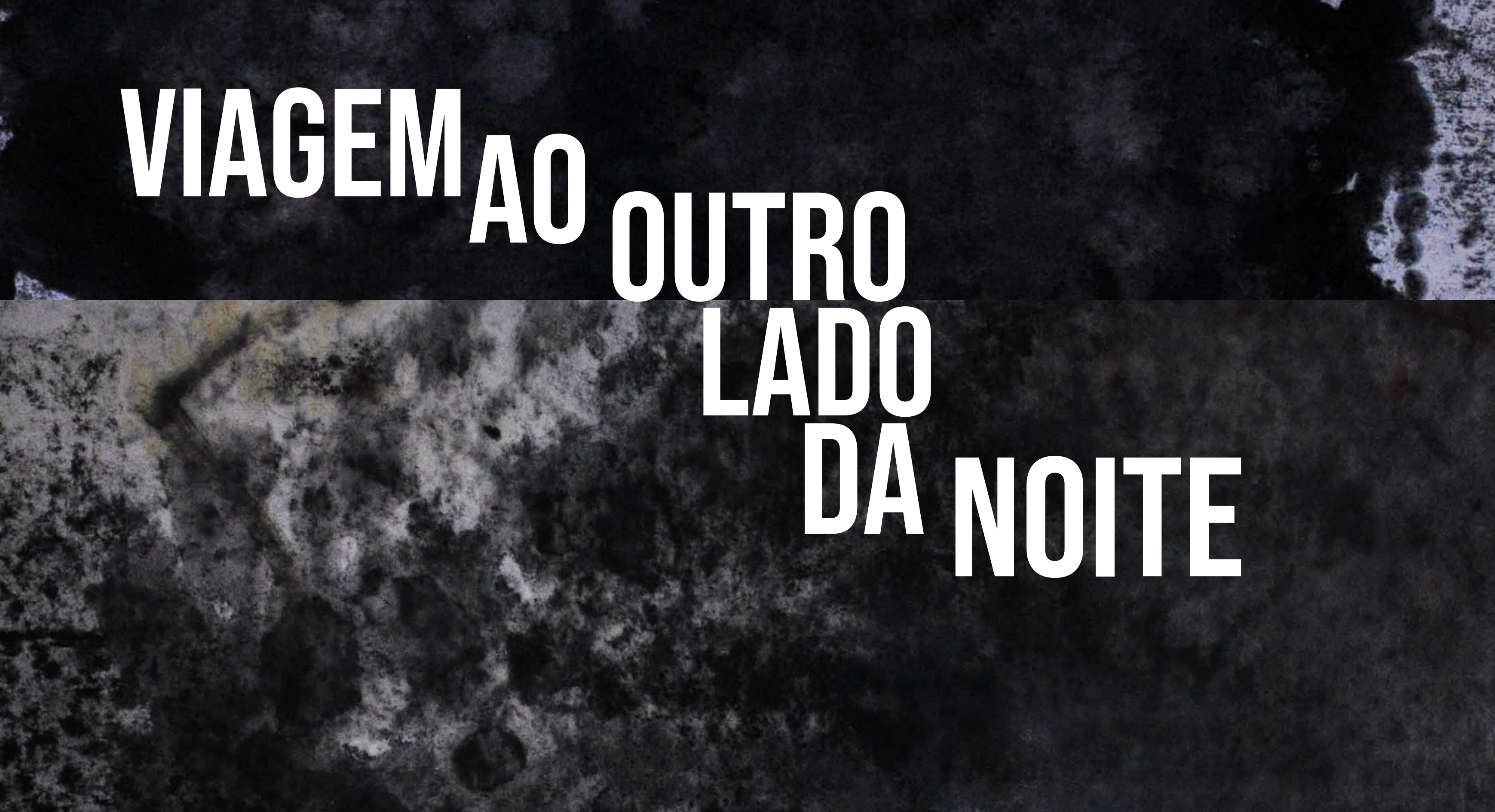
por Roberto Bethônico Figueiredo

“A noite simboliza o tempo das gestações, das germinações, das conspirações, que vão desabrochar em pleno dia como manifestação de vida. Ela é rica em todas as virtualidades da existência. Mas entrar na noite é voltar ao indeterminado, onde se misturam pesadelos e monstros, as ideias negras. Ela é a imagem do inconsciente e, no sono da noite, o inconsciente se libera. Como todo símbolo, a noite apresenta um duplo aspecto, o das trevas onde fermenta o vir a ser, e o da preparação para o dia, de onde brotará a luz da vida.”

Os trabalhos de Eduardo Hargreaves nos mostram não só as características da noite mas as do outro lado da noite. O que seria ou encontraríamos no outro lado da noite? Teria a noite outro lado? Seria esse outro lado um outro dia ou uma outra noite composta por uma escuridão ainda maior que não nos deixaria senão a opção de vê-la em todo seu esplendor de escuridão? “A noite anoiteceu”, escreveu Drummond no poema “A noite dissolve os homens”.

Assim como as duas citações nos iluminam a respeito da noite, as obras de Eduardo Hargreaves iluminam essa escuridão carregada de dualidade que toda e qualquer imagem possui: a noite e o dia, o consciente e o inconsciente, o caos e a ordem. Desta forma o artista parece não querer dispensar nenhuma possibilidade de construção em seus trabalhos que não seja a da adição advinda das inúmeras sobreposições, apagamentos e veladuras realizados em carvão, pigmentos naturais, pastéis, grafite, óleo de linhaça, cera de abelha e parafina. Nesta espiral em constante ascensão, como ciclos que se repetem mas se modificam a cada retorno, o artista parece recolher tudo o que está ao seu redor como elemento integrante da obra, até mesmo o observador, ao qual se refere como observador-interator, ou seja, aquele que não só observa a obra, mas participa e interfere nela e no espaço em que estão inseridos.

Ao realizar os trabalhos **Paisagens Rotas** e **Viagem ao Outro Lado da Noite**, Hargreaves nos convida a interferir, problematizar e a co-estabelecer relações entre as obras e o espaço, nos fazendo pensar nas inúmeras possibilidades de rotas a percorrer entre as imagens. A intenção do artista parece ser também a de que, uma vez estabelecidas essas relações, as mesmas modifiquem nossa percepção não só sobre elas mas sobre nós mesmos: a impossibilidade de obtermos um sentido final, a impossibilidade da certeza e da verdade absolutas. As rotas propostas inicialmente na montagem da exposição são apenas indícios do vir a ser, assim como a própria noite nos oferece e nos dissolve. Cabe então a nós, observadores-interatores, viajarmos ao outro lado da noite construindo nossas próprias rotas e paisagens. Boa viagem!



**VIAGEM AO OUTRO
LADO
DA NOITE**



S/t. 2016.
Carvão, pastel seco e óleo de linhaça sobre papel mata borrão 80g.
100x100cm.

VIAGEM AO OUTRO LADO DA NOITE

Viagem ao outro lado da noite é um desdobramento do processo de trabalho iniciado na série Paisagens Rotas. A materialidade da superfície, o peso e a espessura do papel dão lugar a um suporte mais fino, menos opaco, que se une a uma mudança na forma de desenhar e no material usado para aplicação e fixação do pigmento e do carvão. Os desenhos diminuem de tamanho, se tornam espécies de janelas para partes de paisagens ocultas. Evidenciam-se a presença mais forte das manchas no lugar de construção dos espaços.

O trabalho que era desenvolvido na imagem, na superfície do desenho, se expande para o objeto. Do objeto, se expande para a criação de um espaço que envolva o corpo: um lugar feito também de imagens que propõe sua constante construção e transformação. Um complexo de imagens, um espaço próprio da incerteza, da indeterminação e de suspensão da razão, para o qual o visitante é convidado a tornar-se parte integrante da construção. Através da expansão das possibilidades de montagem e das modificações das obras através de seu manuseio pelos visitantes, propõe-se a percepção da impossibilidade de um sentido único, final, a impossibilidade da certeza e da verdade absolutas.

São trabalhos que sugerem duas formas distintas de se olhar: de um lado, trazendo o observador para perto, propõe-lhe experimentar sua densidade, sua textura e a noção de parte do trabalho como um todo-reduzido; de outro, sugerem um olhar distanciado, para se contemplar cada trabalho em sua totalidade e, ao mesmo tempo, observar cada qual como fração possível de uma trama criada em conjunto com os demais.



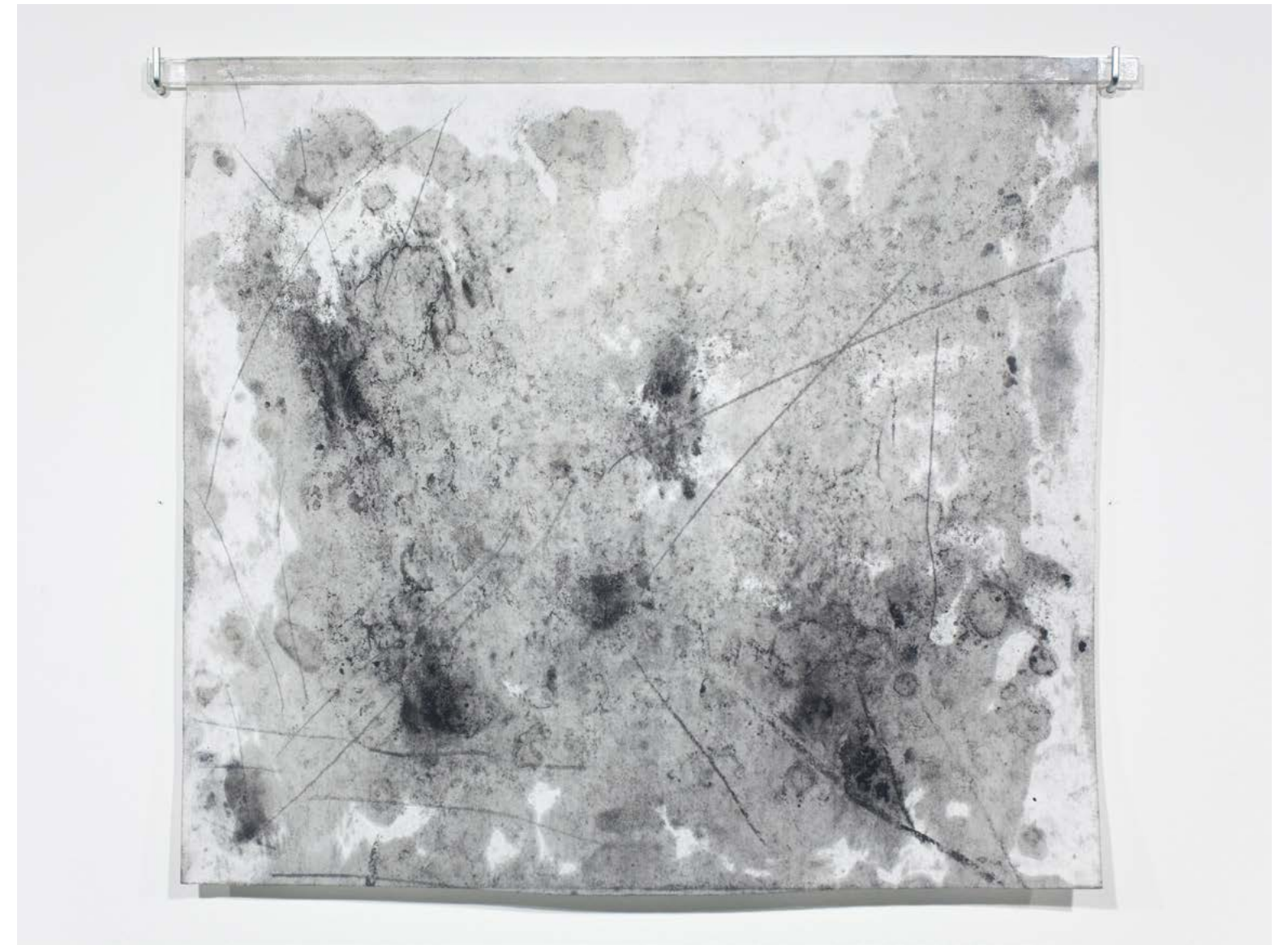
Série *Viagem ao outro lado da noite*. 2017.
Carvão, pastel seco, grafite, cera de abelha e parafina sobre papel mata
borrão 80g. Aproximadamente 150x400cm.



Detalhes: *S/t*. 2017.
Carvão, pastel seco, grafite, cera de abelha e parafina sobre papel mata
borrão 80g. 32x35,5cm.



Detalhes: *S/t*. 2017.
Carvão, pastel seco, grafite, cera de abelha e parafina sobre papel mata
borrão 80g. 32x35,5cm.



Detalhes: *S/t*. 2017.
Carvão, pastel seco, grafite, cera de abelha e parafina sobre papel mata
borrão 80g. 32x35,5cm.

ARCÁDIA



ARCÁDIA

O mito não se define pelo objeto da sua mensagem, mas pela maneira como a profere: o mito tem limites formais, contudo não substanciais. Logo, tudo pode ser mito? Sim, julgo que sim, pois o universo é infinitamente sugestivo. Cada objeto do mundo pode passar de uma existência fechada, muda, a um estado oral, aberto à apropriação da sociedade, pois nenhuma lei, natural ou não, pode impedir-nos de falar das coisas.

Roland Barthes

“Eduardo Hargreaves trabalha a série de desenhos Arcádia a partir de espaços triviais e cotidianos, evidenciando elementos gerais da estrutura de prédios, casas, espaços urbanos e outros elementos culturais, os quais são trabalhados pelo artista para se transformar, através de um processo de tradução, em espaços que apontam um dentro e um fora da imagem.

Cada desenho remete a um lugar possível, que se interliga de certa maneira pela proximidade estética e técnica, porém mostram não estar conectados a um só espaço, mas fazer menção à um lugar distante, mitológico, ao mesmo tempo que presente e comum”

Luiz Gustavo Carvalho, sobre a série Arcádia. Carvão sobre papel. 2015–2018.



Série *Arcádia*. 2015–2018.
Carvão sobre papel. Aproximadamente 90x540cm.



Detalhes: Série *Arcádia*. 2015–2018.
Carvão sobre papel. Aproximadamente 90x540cm.



Detalhes: Série *Arcádia*. 2015–2018.
Carvão sobre papel. Aproximadamente 90x540cm.



Zonas Residenciais

ZR1	ZR4A
ZR2	ZR4B
ZR3	ZR5
ZR4	ZR0

Zonas Comerciais

ZC1	ZC4
ZC2	ZC5
ZC3	ZC6

Setores Especiais

SE1	SE2
-----	-----

Expansão Urbana
ZEU

Limites Municipais
Perímetro Urbano

SO E OCUPAÇÃO DO SOLO URBANO
MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE

ANEXO A

ESSES PEDAÇOS DE TI, AMÉRICA



ESSES PEDAÇOS DE TI, AMÉRICA

Um desenho no formato da América do Sul é recortado de uma placa de parafina derretida e seu contorno é colocado sobre uma folha com parte do mapa de Belo Horizonte, retirada da publicação das Diretrizes da Lei de Ocupação e Uso do Solo de Belo Horizonte (1985) e selada com parafina.

A contra-forma do continente é então fixada com alfinetes de costura que simulam as linhas do Equador e do Trópico de Capricórnio. Um alfinete redondo para mapa de cor preta é fincado no centro da contra-forma que desenha o continente.

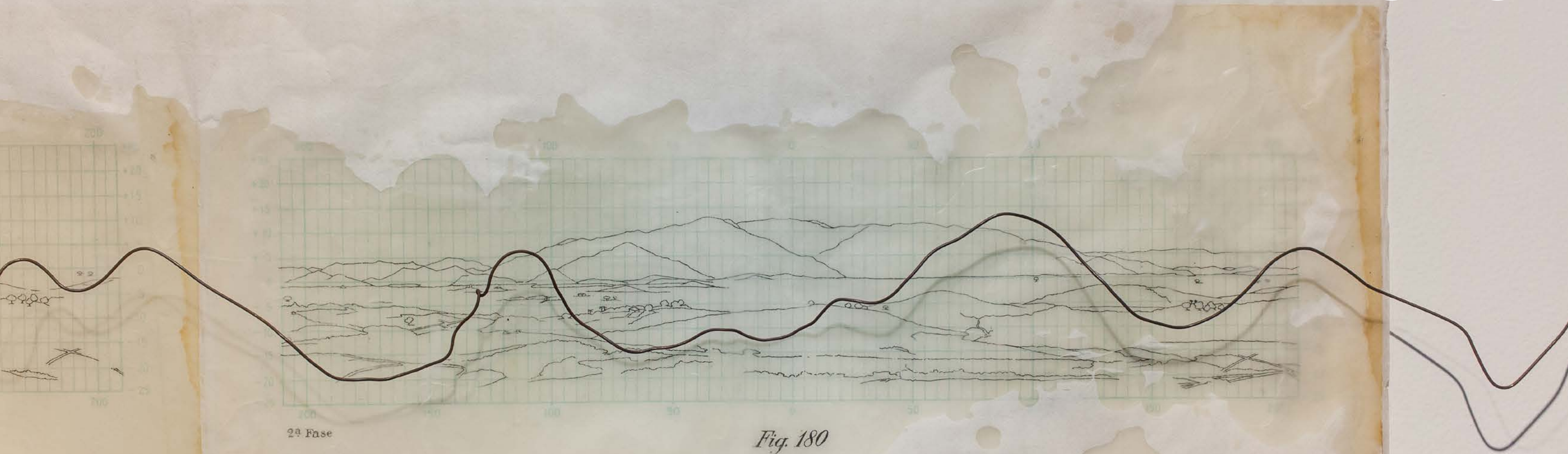
Parafina, alfinetes e papel sobre madeira e aço. 2018.



Detalhes: *Esses pedaços de ti, América*. 2018.
Parafina, alfinetes e papel sobre madeira e aço.
33x44x97cm.

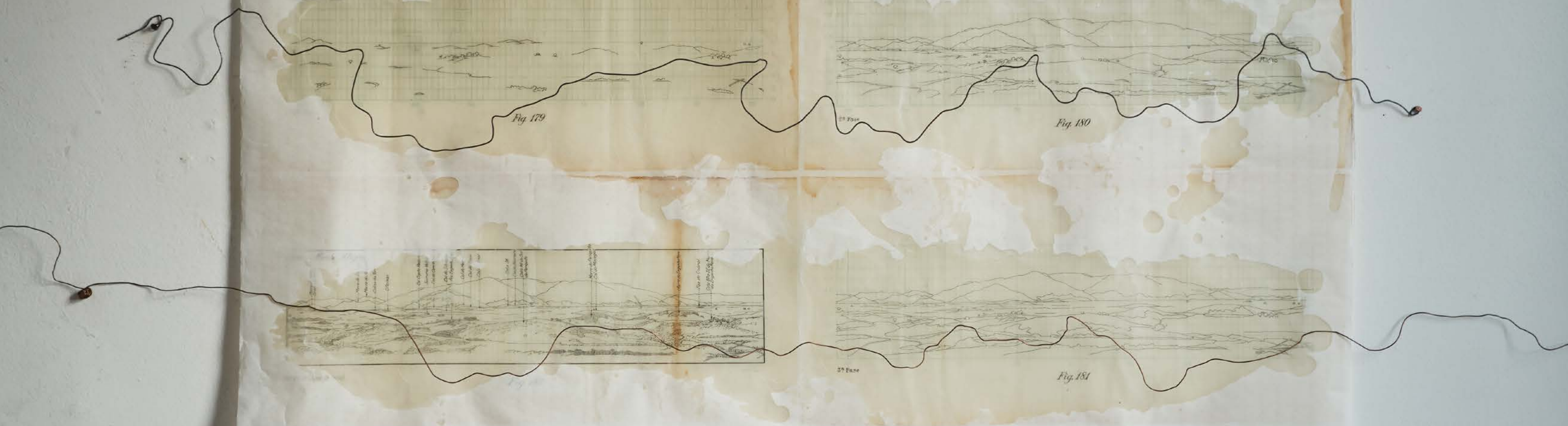
AS QUATRO

FASES



DO

DESENHO



AS QUATRO FASES DO DESENHO

Quatro páginas de um livro de instruções ao exercício da topografia representando as quatro fases do desenho topográfico são fixadas em uma folha de papel de arroz, ordenadas no sentido horário. Uma segunda folha de papel de arroz sobrepõe o conjunto.

Com o aquecimento da parafina por sobre o papel, as imagens emergem através de manchas cartográficas, possibilitando a visão das paisagens em construção.

Fios de arame de ferro modelados a partir do contorno de mapas presentes em outros trabalhos são posicionados na horizontal, criando novas linhas e contornos para as paisagens.

Parafina, papel de arroz e arame de ferro. 2018.



Detalhes: *As quatro fases do desenho*. 2018.
Parafina, papel de arroz e arame de ferro.
Dimensões variadas.

DESENHOS TOPOLÓGICOS





DESENHOS TOPOLÓGICOS

Tomando como ponto de partida os mapas da publicação das Diretrizes da Lei de Ocupação e Uso do Solo de Belo Horizonte (1985), busco nas páginas referentes às fronteiras da cidade as áreas de desinteresse: as cidades vizinhas são representadas em branco, sem informações referentes à qualquer definição natural ou cultural de sua ocupação. Quadrados brancos e linhas negras que se cruzam, em uma espécie de definição de latitudes e longitudes que definem a localização de um espaço vazio.

Nas regiões fronteiriças, algumas informações escapam, como que infestando ou dominando estes espaços externos: rios, canais, vias de conexão e campos de futebol; as únicas informações que invadem as demarcações que separam e definem.

Uma sequência destes espaços são recortados e sobrepostos, intercalados em camadas por chapas de vidro transparente. Ao fundo das transparências e recortes, a presença de uma chapa de ferro se destaca na contra-forma. O conjunto é então preso à uma estrutura de madeira que simula a presença de um dormente, encaixado com leveza sobre uma estrutura de aço.

Papel, vidro, madeira, ferro e aço. 2018.



Série *Desenhos Topológicos*. 2018.
Papel, vidro, madeira, ferro e aço. 25x25x124cm.

CONFECCÃO GRÁFICA



DECRETOS DE REGULAMENTAÇÃO



DECRETOS DE REGULAMENTAÇÃO

Páginas da publicação da Lei de Uso e Demarcação do Solo de Belo Horizonte (1985) são trabalhadas sofrendo alterações, colagens, incisões, etc. Dois grupos de páginas distintos se sobrepõe criando uma situação de veladura: os títulos e o conteúdo gráfico.

O desenho acontece como um processo de resgate histórico. O uso da parafina sela o papel, protegendo-o. Ao mesmo tempo, o papel se torna translúcido: diferentes partes dos mapas – impressos em frente e verso – se atravessam. Da mesma forma, rios surgem cortando as cidades reformuladas.

Papel, parafina, carvão, minério de ferro, tecido, lixa, ilhós e madeira. 2018.





www.eduardohargreaves.com

+55 31 9 8881 – 9301

